

# RELAÇÃO ENTRE AMBIGUIDADE DO PAPEL E ANSIEDADE COMPETITIVA NO FUTEBOL JOVEM

Edna Campo Grande<sup>1</sup>, Carlos Silva<sup>1</sup>, Carla Chicau Borrego<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Escola Superior de Desporto de Rio Maior (ESDRM-IPS)

<sup>1</sup>Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém (UIIPS)

<sup>1</sup>Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD)

## RESUMO

O objetivo do estudo foi examinar a relação entre a ambiguidade de papel e a ansiedade no contexto do futebol jovem. Participam no estudo 286 jogadores de futebol, do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 15 e 19 anos ( $17,03 \pm 1,34$ ). Para avaliar a ambiguidade e a ansiedade, recorremos às versões portuguesas do *Role Ambiguity Scale* (Beauchamp et al. 2002) e *CSAI-2* (Martens, Burton, Vealey, Bump e Smith, 1983). Para analisarmos a relação existente entre os dois conceitos utilizamos o teste de *Pearson*, e a regressão múltipla para verificar os preditores da ansiedade. Os resultados sugerem que a ambiguidade de papel está positiva e moderadamente relacionada com a ansiedade-estado. Verificamos ainda que o principal preditor da ansiedade-estado somática é a dimensão extensão das responsabilidades ofensivas e a dimensão consequências do não cumprimento do papel defensivo é o principal preditor da ansiedade-estado cognitiva.

Palavras-chaves: Ambiguidade de papel, Ansiedade, Futebol Jovem

## **ABSTRACT**

The aim of the study was to examine the relationship between role ambiguity and anxiety in the context of youth football. This study analyzed 286 male soccer players, ages between 15 and 19 years ( $17.03 \pm 1.34$ ). In order to evaluate the ambiguity and anxiety, we use the Portuguese versions of the Role Ambiguity Scale (Beauchamp et al. 2002) and CSAI-2 (Martens, Burton, Vealey, Bump and Smith, 1983). To analyze the relationship between the two concepts we use the Pearson test and multiple regression and, therefore determine the predictors of anxiety. Results suggest that role ambiguity is positively and moderately related to state anxiety. We also found that the main predictor of somatic state anxiety is the offensive responsibilities and the consequences of not fulfilling defensive role are the main predictor of cognitive state anxiety.

Keywords: Role Ambiguity, Anxiety-State, Youth Football

## **INTRODUÇÃO**

O tema da ansiedade tem sido alvo de estudos (cf. Jones & Hanton, 2001; Martens, Dias, Cruz & Fonseca, 2006). A grande maioria dos estudos é baseada no modelo multidimensional de ansiedade, desenvolvido por Vealey e Burton (1990) no qual é apresentada a distinção nas reações de ansiedade no desporto – ansiedade cognitiva e somática. De acordo com os autores a ansiedade cognitiva “manifesta-se usualmente através de expectativas negativas acerca do rendimento e de uma auto-avaliação negativa”, enquanto a ansiedade somática se refere “aos elementos afetivos e fisiológicos da ansiedade que se desenvolve diretamente da ativação autonómica (i.e. sistema nervoso autónomo) refletindo-se "em respostas como um rápido batimento cardíaco, respiração 'curta', mãos húmidas, 'borboletas' no estômago e músculos tensos" (p. 6). O modelo engloba ainda uma terceira dimensão relacionada com as anteriores, que é a auto-confiança, entendida como a convicção do atleta de que consegue realizar as tarefas a que se propõe. A ansiedade cognitiva e a autoconfiança representam os fins opostos de uma contínua avaliação cognitiva. A ansiedade é entendida como uma emoção negativa que afeta as percepções dos atletas em competição, o leva a que a maioria dos atletas, a considere como um fator debilitante

da performance, que pode resultar numa diminuição da mesma (Weinberg & Gould, 1999; Raglin & Hanin, 2002).

Várias pesquisas têm demonstrado que a ansiedade-estado é influenciada por variáveis individuais tais como: orientação dos atletas para o resultado (Ntoumanis & Bidlle, 1998), expectativas de desempenho (Krane, Williams, & Feltz, 1992), questões avaliativas (Bray, Martin, & Widmeyer, 2000), nível competitivo (Neil, Mellalieu & Hanton, 2006) e género (Abrahamsen, Roberts, Pensgaard, 2008). Numa perspetiva situacional, a ansiedade-estado está relacionada com a complexidade da tarefa (Krane & Williams, 1994) competência do adversário (Thuot, Kavouras, & Kenefick, 1998), localização do jogo (Terry, Walrond, & Carron, 1998) e tipo de modalidade (Martens et al., 1990).

Ainda em relação às variáveis situacionais os estudos do impacto dos fatores da equipa na ansiedade são mais escassos. Uma possível explicação suportada por Martens, Burton, et. al. (1990), é que a ansiedade é menos saliente em equipas desportivas, uma vez que a responsabilidade pelos resultados negativos é mais diluída, reduzindo assim a ameaça avaliativa individual sobre os membros da equipa. Assim embora a responsabilidade possa ser diluída os atletas continuam a experienciar sentimentos e pensamentos de ansiedade associados com fatores de equipa ou de integração na mesma.

Na dinâmica de grupos, a relação entre a coesão de grupo e ansiedade foi estudada por autores como Prapavessis e Carron (1996) e mais recentemente por Borrego, Cid e Silva (2012), tendo sido encontrada uma associação negativa entre a coesão na tarefa e a ansiedade. Também Hanin (1989) reporta que a atmosfera da equipa, a experiência dos membros e o estatuto são fatores de equipa associados à ansiedade na equipa. Em conjunto os resultados destes estudos colocam a hipótese de que embora a difusão da responsabilidade possa ser um fator protetor do membro de equipas desportivas sobre as avaliações diretas da performance, existem outros fatores da dinâmica da equipa que podem influenciar a ansiedade (Beauchamp, Bray, Eyes e Carron, 2003).

Face ao exposto existe evidência de que a ambiguidade do papel é um fator da dinâmica de grupo que poderá influenciar a ansiedade pré-competitiva. De acordo com Beauchamp (2003, pp.230), o termo papel no desporto refere-se a um “conjunto de expectativas de comportamentos para uma determinada posição na estrutura social

do desporto”. Envolve comportamentos interdependentes e esta é uma característica que define as equipas (Carron & Hausenblas, 1998).

Para descrever o compromisso e o envolvimento dos indivíduos nos seus papéis Eys, Beauchamp, e Bray, (2006), baseados no modelo de Kahn, Wolfe, Quinn, Snoek, e Rosenthal (1964) organizaram os conceitos em três dimensões: comportamental, emocional e cognitivo. Assim, o desempenho do papel corresponde à dimensão comportamental, a satisfação e aceitação do papel referem-se à dimensão emocional, o conflito, a clareza (ou ambiguidade) e eficácia de papel referem-se à dimensão cognitiva do papel.

Mais especificamente a dimensão desempenho do papel corresponde ao grau de congruência entre os comportamentos desempenhados por um indivíduo e as expectativas individuais. No contexto desportivo, os treinadores avaliam o desempenho dos atletas baseados no seu papel nos treinos e competições. A dimensão satisfação no papel refere-se ao lado emocional do papel e pode produzir emoções (e.g. felicidade, alegria, orgulho, vergonha). Segundo Riemer e Chelladurai (1998, pp. 127) a satisfação é vista “como um estado afetivo positivo resultante de uma complexa avaliação de estruturas, processos e resultados associados à experiência do atleta. Esta satisfação tem implicações na participação e no desempenho dentro de uma equipa.” A terceira dimensão, a aceitação do papel foi definida por Eys et al. (2006) como o grau de semelhança entre as expectativas de um indivíduo, as responsabilidades que assumirá no contexto do seu papel, e a expectativa das responsabilidades que ele percebe que o treinador lhe atribuiu. Este conceito tem sido confundido com a satisfação do papel. No entanto, Eys et al. (2006) propuseram a separá-los, porque se o processo de aceitação requer uma comparação entre dois conjuntos de expectativas, a satisfação é derivada de uma comparação entre o que o papel traz ao atleta, e que ele espera retirar dele. A dimensão eficácia do papel designa as crenças dos indivíduos nas suas capacidades de cumprir com as suas funções em relação aos outros. Recentemente Beauchamp, Bray, Eys e Carron (2002) e Bray, Brawley e Carron (2002), sugeriram haver um construto intermediário entre a eficácia pessoal e eficácia coletiva, ou seja, sugere uma conceção hierárquica da eficácia. O conflito de papéis ocorre quando um indivíduo, embora interessado no seu

desempenho, não tem a capacidade, motivação ou uma compreensão satisfatória na concretização do objetivo. (Carron & Hausenblas, 1998).

A ambiguidade de papel, que corresponde à dimensão cognitiva do papel, é definida como uma falta de compreensão em relação às expectativas e responsabilidades associadas a uma posição particular, ou seja, falta de clareza de informação associada a um papel que está a ser desempenhado por um indivíduo (Kahn et al., 1964). A ambiguidade de papel é apresentado pelos autores como um elemento-chave em situações interpessoais em que um indivíduo deve satisfazer as expectativas de um segundo indivíduo em condições de mudança rápida e constante, ou seja na dinâmica do grupo/equipa.

No contexto desportivo, Beauchamp e Bray (2001) identificaram dois grandes contextos comportamentais em que os membros do grupo têm responsabilidades relacionadas com papéis formais: o ataque e a defesa. O conceito de ambiguidade é operacionalizado como sendo composto por quatro manifestações ou seja, a extensão das responsabilidades, comportamentos relacionados com o papel, avaliação do papel e consequências relacionadas com o papel, sendo aplicadas em dois contextos específicos: o contexto ofensivo e defensivo.

Vários estudos defendem a existência de relação entre a ambiguidade do papel e outras variáveis, nomeadamente, a satisfação (Bebetsos, Theodorakis & Tsigilis, 2007), o conflito e eficácia do papel (Beauchamp & Bray, 2001), a intenção de abandono da equipa (Eys, Carron, Bray & Beauchamp, 2005), o desempenho do papel (Beauchamp, et al., 2002), a perceção de auto-eficácia (Eys & Carron, 2001). A perceção de ambiguidade do papel é ainda influenciada pelo género (Cunningham & Eys, 2007), pelo estatuto do atleta (titular, suplente e não convocados) (Beauchamp & Bray, 2001; Beauchamp, Bray, Eys, & Carron, 2005), pela auto-estima (Cunningham & Eys, 2007), coesão (Eys & Carron, 2001), liderança (Beauchamp, et al, 2005) e o momento da época desportiva (Eys, Carron, Beauchamp & Bray, 2003).

Relativamente à associação da ambiguidade do papel e ansiedade-estado, em termos teóricos e embora os dois conceitos não sejam sinónimos, estão relacionados e tal como Kahn et al. (1964) postulam no seu modelo: quando os indivíduos experienciam a ambiguidade do papel, a incerteza ocorre. Martens et al. (1990) apontam que, quando os indivíduos são sujeitos a perceções de incerteza não mostram respostas

adequadas para lidar com a ansiedade. Por outro lado, Kahn et al. (1964) refere que quanto maior a experiência de ambiguidade de papel mais os indivíduos experienciam sensações de ansiedade e tensão. Esta afirmação de Kahn tem sido apoiada empiricamente através de cerca de vinte estudos no contexto organizacional e industrial. No geral, esses estudos mostraram existir uma relação positiva entre ambiguidade de papel e ansiedade relacionada com o trabalho.

No contexto desportivo, apenas dois estudos examinaram a relação entre ansiedade e a ambiguidade do papel, o primeiro de Eys e Carron (2000), avaliou atletas de basquetebol, mostrou haver uma relação positiva entre a ambiguidade de papel e a ansiedade traço. Mais especificamente, os atletas que estavam menos esclarecidos em relação ao seu papel na dimensão “extensão das responsabilidades” apresentaram níveis mais elevados de ansiedade e preocupação. O segundo trabalho foi realizado por Beauchamp et al. (2003), com 114 de atletas de ambos os sexos da modalidade de hóquei de campo que responderam aos questionários CSAI-2 e *Role Ambiguity Scale*. Os autores concluíram que a dimensão extensão das responsabilidades ofensivas foi o único preditor significativo da ansiedade cognitiva, explicando 19% da variância nos homens e 15% nas mulheres. No geral, os autores consideraram existir uma relação positiva com a ansiedade, contudo recomendam cautela sobre o significado dos resultados, uma vez que dirigidos para uma amostra específica. As limitações do estudo incluíam o número e a natureza da amostra.

O objetivo do presente estudo é a análise da relação entre a ambiguidade do papel do atleta e a ansiedade-estado em atletas de futebol, baseado na adaptação do modelo de Kahn (1964) por Beauchamp, et al. (2002) e no modelo multidimensional da ansiedade de Martens, Burton e Vealey (1990), colocando a hipótese de associação positiva entre as manifestações de ambiguidade do papel e ansiedade competitiva.

## **MÉTODOS**

### *Participantes*

Participam no estudo 286 jogadores federados de futebol, do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 15 e 19 anos ( $M=17,03$ ;  $DP=1,34$ ) dos escalões Juvenil

e Júnior. A média de anos de prática é de 7,24 (DP= 2,91), a prática semanal de 6,83 horas (DP= 1,14).

## **INSTRUMENTOS**

*Ambiguidade de Papel:* Para a avaliação da ambiguidade do papel recorreremos à versão portuguesa do Escala de Ambiguidade de Papel, constituída por vinte itens aplicados em dois contextos (i.e. o contexto ofensivo e defensivo). Os vinte itens são distribuídos por quatro dimensões no seguinte formato: i) Extensão das Responsabilidades: refere-se à falta de clareza de informação relativa às responsabilidades (e.g. *“Eu compreendo as minhas responsabilidades no jogo ofensivo”*); ii) Comportamentos de Papel: representa o facto de os atletas não estarem esclarecidos em relação aos comportamentos associados ao papel (e.g. *“Eu compreendo quais os ajustes a fazer no meu comportamento para cumprir o meu papel no jogo ofensivo”*); iii) Avaliação de Papel: reflecte a falta de compreensão sobre como serão avaliados os desempenhos do papel (e.g. *“Eu compreendo os critérios utilizados para avaliar as minhas responsabilidades no jogo ofensivo”*); e iv) Consequências do Não Cumprimento do Papel: reflecte a falta de esclarecimento sobre as consequências, relativas ao sucesso ou insucesso no desempenho do papel (e.g. *“Eu sei claramente o que me acontecerá se eu falhar no desempenho do meu papel ofensivo”*). As respostas são avaliadas numa escala de Likert de 1 a 9 em que 1 significa “discordo completamente” e 9 “concordo completamente. Os resultados desta escala obtêm-se através da média aritmética dos itens das respectivas dimensões, sendo que valores elevados refletem uma baixa ambiguidade de papel (i.e., elevada clareza de papel) e valores mais baixos revelam uma alta ambiguidade, ou seja uma clareza de papel mais baixa. Para os nossos dados o *alpha de Cronbach* da escala varia entre 0,79 e 0,90, o que nos indica uma consistência interna considerada muito boa.

*Ansiedade Pré-competitiva:* Para avaliar a ansiedade-estado utilizámos a versão portuguesa do *Competition State Anxiety Inventory – 2*, (CSAI-2: Serpa & A. Santos, 1991), constituído por 27 questões, distribuídas por três dimensões: i) Ansiedade somática - Esta dimensão refere-se aos elementos fisiológicos ou emocionais desencadeados pela situação de ansiedade, sendo desenvolvidos diretamente pela

ativação autónoma. (e.g. *“Sinto-me nervoso”*); ii) Ansiedade cognitiva – Esta dimensão refere-se à componente mental da ansiedade e é sendo afetada por expectativas negativas relativas ao sucesso ou a uma auto-avaliação negativa (e.g. *“Estou preocupado com esta competição”*); e iii) Autoconfiança – Esta dimensão reporta-se à convicção do atleta de que consegue realizar tarefas a que se propõe. A ansiedade cognitiva e a autoconfiança representam os fins opostos de uma contínua avaliação cognitiva (e.g. *“Sinto-me à vontade”*). Cada item tem quatro opções de resposta (*“Absolutamente Nada”*=1, *“Muito”*=4). Contudo, no nosso estudo apenas vão ser utilizadas as dimensões ansiedade somática e ansiedade cognitiva, pois o nosso objectivo é a avaliação do estado de ansiedade não da auto-confiança. A consistência interna dos nossos dados foi considerada muito boa sendo que a ansiedade somática tem um  $\alpha=0,81$  e a ansiedade cognitiva um  $\alpha=0,88$ .

## **PROCEDIMENTOS**

Foram cumpridos todos os requisitos éticos, nomeadamente, as devidas autorizações para os atletas menores de idade e a confidencialidade dos dados. Para cumprir o protocolo sugerido pelos autores dos questionários foram agendados os dias de treino a meio da semana para a recolha de dados da escala da ambiguidade de papel e o dia de jogo para a recolha do questionário CSAI-2. Em relação ao CSAI-2, este foi recolhido no próprio dia de jogo, ou seja, 45 minutos antes da competição, tal como nos indica o seu protocolo.

### *Análise Estatística*

A fim de analisarmos a relação existente entre os dois conceitos foi utilizado o teste de Pearson, visto que os dados cumprem o critério da normalidade (teste Kolmogorov-Smirnov). Com o objectivo de verificar quais os principais preditores da ansiedade recorreremos á regressão múltipla, sendo esta uma extensão da análise da correlação, tem como objetivo analisar o efeito de uma variável sobre outra variável. Para além das questões correlacionais, serão apresentados métodos da estatística descritiva para melhor caracterizar a amostra, nomeadamente, a média e desvio padrão.

## RESULTADOS

Como se pode verificar na Tabela 1, as médias relativas à ambiguidade de papel, nos dois contextos, situam-se todas acima dos 6 valores, o que nos indica que existe um nível clareza de papel bom nos atletas (i.e. baixa ambiguidade). No contexto defensivo, a dimensão consequências de papel foi a que teve maior média ( $6,97 \pm 0,81$ ) e a dimensão extensão das responsabilidades ( $6,88 \pm 0,81$ ) foi a que obteve uma menor média. No contexto ofensivo, os valores foram apenas umas décimas mais baixos sendo que a dimensão extensão das responsabilidades obteve maior média ( $6,91 \pm 0,80$ ) e a dimensão comportamentos de papel foi a que teve a média mais baixa ( $6,83 \pm 0,88$ ). Estes resultados levam-nos a crer que em termos de média os atletas estão melhor esclarecidos quanto aos seus papéis defensivos comparativamente com os papéis ofensivos, visto as médias das dimensões defensivas serem mais altas que as ofensivas.

Relativamente às manifestações da ansiedade, podemos verificar que estas têm médias semelhantes, contudo, a ansiedade cognitiva apresenta uma média um pouco mais alta ( $1,88 \pm 0,72$ ) enquanto a ansiedade somática é um pouco mais baixa ( $1,85 \pm 0,58$ ). Com estes resultados podemos afirmar que embora os atletas demonstrem níveis de ansiedade cognitiva mais altos (e.g. pensamentos negativos) e níveis de ansiedade somática mais baixos (sintomas fisiológicos da ansiedade: mãos suadas, ritmo cardíaco acelerado, entre outros), os atletas não têm níveis de ansiedade muito elevados, visto as médias obtidas serem inferiores a 2 (os valores podem variar entre 1 e 4).

**Tabela 1 - Estatística descritiva ambiguidade de papel e ansiedade pré competitiva**

	A.P Defensivo		A.P. Ofensivo		Ansiedade	
	M $\pm$ DP	Min - Máx	M $\pm$ DP	Min - Máx	M $\pm$ DP	Min - Máx
<b>Ext_Resp</b>	$6,88 \pm 0,81$	1 - 9	$6,91 \pm 0,80$	1 - 9		
<b>Comp_Papel</b>	$6,9 \pm 0,85$	1 - 9	$6,83 \pm 0,88$	1 - 9		
<b>Aval_Papel</b>	$6,89 \pm 0,84$	1 - 9	$6,85 \pm 0,84$	1 - 9		
<b>Conseq_Papel</b>	$6,97 \pm 0,81$	1 - 9	$6,88 \pm 0,83$	1 - 9		
<b>Somática</b>					$1,85 \pm 0,58$	1 - 4
<b>Cognitiva</b>					$1,88 \pm 0,72$	1 - 4

Relativamente à associação entre as variáveis da ansiedade competitiva e da ambiguidade do papel, verificamos (ver tabela 2), que estão significativamente correlacionadas de forma positiva ( $p \leq 0,01$ ) nos contextos defensivos e ofensivos (exceto a correlação entre a variável avaliação do papel e a ansiedade cognitiva no contexto defensivo). No entanto, os valores das correlações verificadas são moderados.

**Tabela 2 – Correlação entre ambiguidade de papel e ansiedade-estado**

	A. Somática		A. Cognitiva	
	Defensivo	Ofensivo	Defensivo	Ofensivo
<b>Extensão Responsabilidade</b>	0,189**	0,265**	0,217**	0,270**
<b>Comportamento do Papel</b>	0,190**	0,213**	0,236**	0,202**
<b>Avaliação do Papel</b>	0,176**	0,219**	0,137*	0,218**
<b>Consequência do Papel</b>	0,201**	0,230**	0,312**	0,235**

Nota: \* $p < .05$ , \*\* $p < .01$

Com o objetivo de verificar o efeito preditivo das manifestações da ambiguidade do papel na ansiedade, e tendo sido verificada a existência de correlações, realizamos uma análise de regressão múltipla. Da observação dos valores na tabela 3, verificamos que extensão das responsabilidades no contexto ofensivo explica 7% da variância da ansiedade somática  $F(1, 264) = 19,94$ ,  $p \leq 0,000$ . A variável que melhor explica a ansiedade cognitiva é a variável consequências de papel no contexto defensivo com 9,7%,  $F(1, 264) = 28,52$ ,  $p \leq 0,000$ . Podemos também verificar que a associação entre as manifestações da ansiedade e as manifestações da ambiguidade (variáveis explicativas) é fraca: extensão das responsabilidades ofensivas e ansiedade somática ( $R=0,27$ ), consequências de papel defensiva e ansiedade cognitiva ( $R=0,31$ ). De referir que as variáveis explicativas foram as que obtiveram uma correlação mais forte com as manifestações da ansiedade.

**Tabela 3 – Análise da regressão múltipla das dimensões da Escala de Ambiguidade do Papel (EAP) sobre as dimensões da ansiedade-estado (CSAI-2)**

	R	R2	Beta	T	Sig.
<b>Ans_somática</b>					
Ext_Resp_ofen	0,27	0,07	0,192	4,46	0,00
<b>Ans_cognitiv</b>					
Conseq_papel_de	0,31	0,097	0,278	5,34	0,00

## DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo foi analisar a relação entre as dimensões da ambiguidade de papel e a ansiedade estado pré competitiva, mais especificamente a associação entre a percepção de extensão das responsabilidades, comportamentos de papel, avaliação de papel, consequências do não cumprimento do papel e a percepção de ansiedade somática e cognitiva antes da competição. Existe a suposição que a ansiedade-estado está relacionada positivamente com a ambiguidade de papéis (Beauchamp et al., 2003), por outras palavras, os atletas que não estão bem esclarecidos relativamente à definição de papel, apresentam níveis de ansiedade cognitiva e somática mais elevados. Os resultados do nosso estudo indicam que as variáveis estão significativamente correlacionadas de forma moderada e positiva significando que os atletas que estão melhores esclarecidos em relação ao seu papel ofensivo e defensivo apresentam baixos níveis de ansiedade. Comparando com os resultados de Beauchamp et al. (2003), no contexto ofensivo também estes apresentam correlações significativas em todas as manifestações da ambiguidade e da ansiedade (correlações, no geral, um pouco mais elevados, valores entre 0,20 e 0,44). No entanto no contexto defensivo os autores apenas reportam duas correlações, sendo elas a avaliação do papel e extensão das responsabilidades, ambas correlacionadas com a ansiedade cognitiva.

As relações observadas entre a ambiguidade do papel e a ansiedade podem ser explicadas através de um conceito que serve de ligação entre as duas variáveis em estudo: a incerteza. Este conceito pode ser considerado como que um sinónimo da ambiguidade e é considerada um antecedente a ansiedade (Martens et al., 1990). Dosil (2004) refere que a ameaça de fracasso é uma das fontes de ansiedade no desporto e, se o atleta sente que os seus papéis não estão claros para si surge o medo de fracassar e consequentemente a ansiedade. Martens et al. (1990) defendem: “a

primeira forma para reduzir a incerteza é a aquisição de informação que, se apropriada, converte a incerteza em certeza” (pp. 220). Essa informação pode ser a vários níveis, nomeadamente: a informação acerca das suas próprias capacidades, informação acerca das capacidades do adversário, os factores situacionais como o tempo, o estado do terreno, entre outros. Contudo, os mesmos autores alertam para a quantidade e qualidade da informação procurada pelos atletas, porque se esta for escassa e de má qualidade poderá reduzir a incerteza antes da competição mas haverá uma maior probabilidade de desempenho ser negativo e a ansiedade ir crescendo ao longo da competição, nomeadamente a ansiedade cognitiva que Burton (1998) refere que, pode mudar em qualquer altura durante a competição, devido ao desenrolar desta, podendo ter um efeito bastante significativo no rendimento do atleta. De referir, que a ansiedade cognitiva representa a componente mental da ansiedade e inclui aspectos ligados a expectativas negativas e preocupações cognitivas sobre si próprio e sobre o rendimento, a situação em questão e potenciais consequências sendo um dos seus antecedentes a percepção de competência, ou seja, a capacidade de executar o seu papel. A componente somática é a manifestação física da ansiedade e deriva directamente do processo de activação autonómica (e.g. aumento do ritmo cardíaco, mãos suadas, estômago “embrulhado” e/ou tensão muscular, boca seca.). Martens et al. (1990) afirmam que esta é uma resposta reflexa a vários estímulos ambientais associados com o início da competição, sendo estes estímulos não-avaliativos e de curta duração (e.g. preparação nos balneários, uma multidão nas bancadas, importância do jogo, rotinas de aquecimento pré-competitivas). A ansiedade somática deverá influenciar o desempenho inicial, quando os atletas se estão a sentir nervosos ou tensos, e ter um impacto mínimo no desempenho posterior (Burton, 1998).

Verificamos ainda que as correlações são, em termos gerais, moderadas, no entanto o contexto ofensivo apresenta correlações mais fortes comparativamente ao contexto defensivo, podendo evidenciar que no planeamento do treino, os treinadores despenderem maior tempo nas tarefas ofensivas, e/ou tendo como base que o objectivo do futebol é o golo e isso leva a que os treinadores dêem maior ênfase às tarefas ofensivas durante o treino, e que os próprios atletas o percepcionem como o mais importante. Outra justificação poderá ser a maior complexidade das tarefas

ofensivas em relação às defensivas que pode levar a que os treinadores demorem mais tempo na explicação das tarefas ofensivas.

A percepção de ambiguidade, no que respeita à extensão das responsabilidades no contexto ofensivo foi o principal preditor da ansiedade somática pré-competitiva, com 7% de variância explicada. Associamos este resultado ao fato de os atletas poderem considerar os seus papéis ofensivos como mais importantes que os papéis defensivos, visto este estarem diretamente ligados ao objetivo do futebol – o golo.

Por outro lado o principal preditor da ansiedade cognitiva foi a percepção de ambiguidade no que refere às consequências do não cumprimento do papel no contexto defensivo, com 9,7% de explicação. Esta associação pode ser explicada pelo fato de as consequências poderem ser visíveis ainda quando atleta está dentro de campo, ou seja, imaginemos que um atleta não está a realizar o seu papel com eficácia, muito provavelmente o que acontecerá será a sua substituição, uma das consequências possíveis de acontecer.

Com os resultados deste estudo podemos concluir que os atletas estão bem esclarecidos em relação ao seu papel e que os níveis de ansiedade são relativamente baixos e, consequentemente verificámos que ambiguidade do papel é baixa e correlacionada positivamente de forma significativa com a ansiedade competitiva. Todas as manifestações da ambiguidade de papel estão correlacionadas com todas as manifestações da ansiedade e, ou seja quanto mais elevados forem os níveis de ambiguidade (menor clareza de papel) maior serão os níveis de ansiedade competitiva. Em termos práticos, os atletas que não estão tão bem esclarecidos em relação ao seu papel desenvolverão níveis de ansiedade mais elevados que os atletas que percebem melhor o seu papel.

Concluimos, ainda, que o melhor preditor da ansiedade cognitiva é a variável consequências de papel defensivo, o que significa que se um atleta não estiver claro em relação às consequências do não cumprimento do seu papel defensivo poderemos prever que desenvolverá níveis de ansiedade cognitiva mais elevados. Relativamente à ansiedade somática, a variável que melhor a prediz é a extensão das responsabilidades ofensivas, por outras palavras, os atletas que não tiverem bem presentes as suas tarefas ofensivas, muito provavelmente, desenvolverão sintomas somáticos da

ansiedade como por exemplo: mãos suadas, ritmo cardíaco acelerado, estômago “embrulhado”, entre outros.

É pertinente referir a subjetividade da interpretação das manifestações de ansiedade, pois como referem vários autores (Singer, Hausenblas & Janelle, 2001) a elevada ansiedade ou ativação pode ser interpretada como positiva ou negativa para o rendimento.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Abrahamsen, F. A., Roberts, G.C. & Pensgaard, A.M. (2008). Achievement goals and gender effects on multidimensional anxiety in national elite sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 9, (4), p.449-464.. doi: 10.1016/j.psychsport.2007.06.005

Beauchamp, M. R., & Bray, S. R. (2001). Role ambiguity and role conflict within interdependent teams. *Small Group Research*, 32, 133-157;doi: 10.1177/104649640103200202

Beauchamp, M. R., Bray, S. R., Eys, M. A., & Carron, A. V. (2005). Leadership behaviors and multidimensional role ambiguity perceptions in team sports. *Small Group Research*, 36, 5-20; doi: 10.1177/1046496404266684

Beauchamp, M.R., & Bray, S.R., Eys, M.A., & Carron, A.V. (2002). Role Ambiguity, Role Efficacy, and Role Performance: Multidimensional and Meditational Relationships within Interdependent Sports Teams. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 6, pp.229-242; doi: 10.1037/1089-2699.6.3.229

Beauchamp, M.R., & Bray, S.R., Eys, M.A., & Carron, A.V. (2003). The Effect of Role Ambiguity on Competitive State Anxiety. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 25, pp.77-92;

Bebetsos, E., Theodorakis, N. & Tsigilis, N. (2007). Relations between Role Ambiguity and Athletes' Satisfaction among Team Handball Players, *The Sport Journal*,10.

Bray, S. R., Brawley, L. R. & Carron, A.V. (2002). Role efficacy, role clarity, and role performance effectiveness. *Small Group Research*;

Bray, S. R., Martin, K. A., & Widmeyer, W. N. (2000). The relationship between evaluative concerns and sport competition anxiety among youth skiers. *Journal of Sports Sciences*, 18, pp.353–361. doi:10.1080/026404100402412

Burton, D. (1998). Measuring competitive state anxiety. In J. L. Duda (Ed.), *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp. 129-148): Morgantown, WV: Fitness Information Technology;

Carron, A. V. & Hausenblas, H. A.. (1998). *Groups dynamics in sport* (2nd ed.). Morgantown, VW: Fitness Information Technology;

Cunningham, I., & Eys, M. A. (2007). Role ambiguity and intra-team communication in interdependent sport teams. *Journal of Applied Social Psychology*, 37; Doi: 10.1111/j.1559-1816.2007.00256.x

Dosil, J. *Psicología de la Actividad Física y del Deporte*. Madrid: McGraw-Hill/Hill/Interamericana de España, S.A.U. 2004.

Eys, M. A., & Carron, A. V. (2001). Role ambiguity, task cohesion, and task self-efficacy. *Small Group Research*; doi:10.1177/104649640103200305

Eys, M.A., Carron, A.V., Bray, S.R., & Beauchamp, M.R. (2003). Role Ambiguity and Athlete Satisfaction. *Journal of Sports Sciences*, 21, pp.391-401; Doi:10.1080/0264041031000071137

Eys, M.A., Carron, A.V., Bray, S.R., & Beauchamp, M.R. (2005). The Relationship between Role Ambiguity and Intention to Return the Following Season. *Journal of Applied Sport Psychology*, 17, pp.255-261;Doi:10.1080/10413200591010148

Jones, G.; Hanton, S. (2001). Pre-competitive feeling states and directional anxiety interpretations. *Journal of Sport Science*, 19, pp.385-395.

Kahn, R. L., Wolfe, D. M., Quinn, R. P., Snoek, J. D., & Rosenthal, R. A. (1964). *Organizational stress: Studies in role conflict and ambiguity*. New York: Wiley.

Martens, R.; Burton, D.; Vealey, R.; Bump, L. & Smith, D. (1990). Development and validation of the Competitive State Anxiety Inventory-2 (CSAI-2). In R. Martens, R. Vealey e D. Burton (Eds.), *Competitive anxiety in sport* (pp. 117-213).Champaign: Human Kinetics.

Martens, R., Vealey, R. S., & Burton, D. (1990). *Competitive anxiety in sport*. Champaign, IL: Human Kinetics;

Neil, R., Mellalieu, S. & Hanton, S. (2006) Psychological skills usage and the competitive anxiety response as a function of skill level in rugby union. *Journal of Sports Science and Medicine*, 5, pp. 415-423. <http://www.jssm.org/vol5/n3/7/v5n3-7pdf.pdf>

Ntoumanis, N.; Biddle, S. J. H. (1998).The relationship between competitive anxiety, achievement goals, and motivational climates. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, v. 69, n. 2, pp. 176-187.

Prapavessis, H., & Carron, A.V. (1996).The effect of group cohesion on competitive state anxiety. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 18, pp. 64-74.

Krane, V., & Williams, J.M. (1994). Cognitive anxiety, somatic anxiety, and confidence in track and field athletes: The impact of gender, competitive level and task characteristics. *International Journal of Sport Psychology*, 25; pp. 203-217.

Krane, V., Williams, J.M., & Feltz, D.L. (1992). Path analysis examining relationships among cognitive anxiety, somatic anxiety, state confidence, performance expectations and golf performance. *Journal of Sport Behavior*, 15, pp.279-296.

Singer, R. N., Hausenblas, H. A., Janelle, C. M. (2001). *Handbook of sport psychology*. New York. John Wiley & Sons, Inc..

Thuot S.M., Kavouras S.A., Kenefick R.W. (1998). Effect of perceived ability, game location, and state anxiety on basketball performance. *Journal of Sport Behavior*, 21, pp.311–321.

Terry, P.C., Wahond, N. & Carron, A.V. (1998). The influence of game location on athletes' psychological states. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 1 pp. 311-321.

Dias, C., Cruz, J. F. & Fonseca, A. M. (2009). Anxiety and Coping Strategies in Sport Contexts: A Look at the Psychometric Properties of Portuguese Instruments for their Assessment. *Spanish Journal of Psychology*, 12(1), pp.338-348

Weinberg, R., & Gould, D. (1995). *Foundations of sport and exercise psychology*. Champaign, IL: Human Kinetics;